



A ocupação do centro nas eleições de 2022

*Humberto Dantas*¹

Que falta fazem partidos estruturados e planos sólidos que nos deem alternativas nas urnas. Já imaginou votar no resultado de análises conscientes acerca do que desejamos à realidade? Claro que alguns dirão que isso não simboliza a falta de partidos, mas principalmente a ausência de eleitores capazes de se dedicarem a debates desse tipo. Dilema de causalidade? Os partidos são ruins porque os eleitores parecem despreparados, ou os cidadãos são assim pois os partidos não lhes oferecem algo maduro? Acredito que a formação política prescinde tudo isso, e não à toa escrevo de uma Fundação que tem a “educação política” como pilar institucional.

Mas pensemos nos partidos. Em 2022 temos, até o primeiro semestre, duas candidaturas presidenciais que dragam três quartos das intenções de voto. Um se vendeu, quando presidente, como “um pai para cada brasileiro”. O outro é traduzido por seus admiradores como um mito. Não parece haver espaço para debates sobre políticas públicas, direitos, realidades e desejos. Abunda o ódio e/ou o amor hepático ou cordial a cada um deles. A era das intenções, e do mundo em primeira pessoa, faz com que transfiramos frustrações e sentimentos menos republicanos às candidaturas, o que oferta sensação de que munidos de nossas convicções absolutas, rumamos à guerra.

Exageros à parte, há quem encare o pleito de outubro como um combate, e naturalmente, em cenários assim, existe quem desanime demais. Esses dois sentimentos aparentemente extremos, e por vezes complementares, precisariam ser arrefecidos. Pelo quê? Por quem? Alguns chamam tal alternativa de “terceira via”, termo emprestado dos anos 90 que não parece se encaixar aqui à luz de uma discussão trazida pelo fim da Guerra Fria. Já tratamos disso em outras ocasiões. Mas é fato que alguns esperam por alternativa ao debate. Algo que dê a chance de enxergar além das radicalidades proferidas pelo atual presidente, e do saudosismo insistente, questionável e não retornável de um ex-presidente. Lula e Bolsonaro no ringue político remetem a essas lutas de Mike Tyson com mais de 50 anos, ou ao patético filme em que Sylvester Stallone e Robert de Niro se enfrentam com cerca de 70 anos cada um. A questão é que aqui não está em jogo a bilheteria ou o semblante espetaculoso do esporte, mas sim o destino de uma das maiores nações do planeta.

Entre Lula e Bolsonaro, que não estão nos extremos, diga-se de passagem, pois enquanto Bolsonaro é a extrema-direita, Lula está mais próximo da centro-esquerda, deve haver algo. Mas exatamente o quê? Para além daquilo que a cientista política Graziela Testa chamou, em artigo publicado na Folha de SP em maio, de ainda “mais personalismo e mágoas”? Vou além: o que há de alternativa a um mar de hipocrisia? Tenho que me explicar aqui.

Já escrevemos anteriormente que Ciro Gomes e Sérgio Moro não podiam ser tratados como “terceira via”. Depois da publicação de tal análise as coisas se tornaram mais evidentes: Moro desistiu da disputa no começo de abril, e desde então, somado a tantos fatores de uma sociedade dinâmica, Bolsonaro subiu nas pesquisas – sem perder, na mesma dimensão, parte de sua alta rejeição. Ou seja, Moro dragava parte do eleitorado do atual presidente, como seu ex-ministro que é e como o símbolo das combinações políticas que levaram o atual mandatário ao Planalto. Moro era o acostamento da via da direita. E Ciro? O mesmo à esquerda em relação a Lula. O ex-ministro do ex-presidente, a despeito de seu caráter verborrágico e agressivo, que poderia combinar com os tempos atuais, pois em seu tradicional machismo ele condenou a candidatura de Marina Silva, que hoje busca atrair, em 2018, por “falta de testosterona”, se vê no desafio de se reafirmar diante dos avanços do PT sobre o PDT. A presidente nacional dos Trabalhadores, diante de um arco de alianças na esquerda, declarou: “estamos sentindo falta do PDT”. O movimento é simples, a conta é fácil: se Ciro desistir as chances de Lula vencer no primeiro turno aumentam. Mas que fique evidente: votos não migram automaticamente em sua totalidade, assim como Ciro não é dono de seus eleitores. Se as pesquisas estiverem como hoje às vésperas do pleito, é fato que o voto útil no PT vai desoxigenar o nome do PDT.

¹ Humberto Dantas – cientista político, doutor pela USP e parceiro da KAS



Mas não estamos às vésperas do pleito, e a exemplo de 2018, quando parte de uma sociedade ansiosa por uma alternativa a Bolsonaro e ao PT aguardou uma salvação, o tempo lhe comeu a espera e a ansiedade se converteu em ódio, descrédito e insatisfação. Naquele ano, a pulverização do Centro trouxe candidaturas que morreram abraçadas a estratégias equivocadas ou distantes da vitória. Empacotamos Geraldo Alckmin, Álvaro Dias, Henrique Meirelles, Marina Silva, João Amôedo e Cabo Daciolo, e chegamos a apenas 10% dos votos válidos em primeiro turno. Contrariando meu próprio argumento, somando Ciro, tivemos menos de 23%, com Haddad em 29% e Bolsonaro em 46%. O que temos para 2022?

Até agora nada ou mais do mesmo. E essa eleição não começa em agosto, e sim teve início em novembro de 2018. Em 2014, após o pleito, Bolsonaro declarou ao Valor Econômico que seria o próximo presidente. Loucura? Talvez, mas indiscutivelmente houve crença, estratégia e envolvimento. E ele venceu, a despeito das explicações ao fenômeno. Desde 2019 o centro mostra hipocrisia – na verdade, bem antes disso. Mas no atual governo, critica Bolsonaro e se serve de recursos orçamentários de forma oculta e dissimulada. O União Brasil é a junção do PSL de 2018, com o DEM, partido que mais ocupou ministérios ao longo do atual governo. O PSDB entregou votos ao presidente no Congresso, teve alguns de seus governadores eleitos na onda bolsonarista, não apresentou plano ao país e imaginou que prévias imporiam ao país um novo presidente. Para completar, um de seus principais quadros deixou a legenda traído e se abraça a Lula numa chapa estratégica a um PT que sempre que venceu o pleito presidencial se serviu de alargamentos ideológicos. No MDB, que chegou a ocupar postos no governo e ficou por um tempo na liderança de Bolsonaro no Senado, nada é diferente. Sua “flexibilidade” tem na Bahia, em Calheiros e Sarney defensores da aliança ao PT, em políticos mais ao sul simpatizantes do bolsonarismo e em sua cúpula nacional o projeto Simone Tebet – menos rejeitada nas pesquisas e capaz de “resolver” de forma concentrada o investimento que a lei exige dos partidos nas candidaturas femininas. Só isso? Onde está o plano? A alternativa? Onde está o eleitorado?

Leituras diversas e perguntas feitas de formas distintas dizem, em diferentes pesquisas eleitorais, que existe espaço para a tal “terceira via”. Algo que varia entre 13% e 60%. Percebe? O fenômeno não é bem dimensionado, é mal trabalhado e fragilmente dimensionado, e não adianta dizer que basta que o Olimpo traga um nome para o plebeu louvá-lo. É muito mais do que isso. E só de “terceira via” concentrada em nomes o país viu, nos últimos meses, um time derreter sob a lógica de carreiras despolitizadas, planos questionáveis e estratégias frágeis: Luciano Huck, Joaquim Barbosa, Rodrigo Maia, João Dória, Alessandro Vieira, Eduardo Leite, Rodrigo Pacheco, Mandetta, Amoêdo, Luiza Trajano e Michel Temer. Outros poderiam ser citados, inclusive Moro, e alguns nunca assumiram pessoalmente tal desejo, mas foram citados. Assim, diante de tamanho leque de incertezas e de indefinições intrapartidárias expressivas, que não conseguem fechar a conta de uma ação nacional, a dúvida é: quem é Simone Tebet? E a resposta não se dá a partir de sua biografia, mas com base em estratégias políticas e na sensação de que é hoje, apenas, a bola da vez no infinito jogo de expectativas frustradas e ansiedades.

No atual universo do centro bastaria Bolsonaro ser menos inflexível na extrema direita, e nada mais restaria. Pois como dito, esse movimento parte do PT tenta fazer – mesmo contrariado pela verborragia ameaçadora de Lula, que gosta de agradar auditórios. Hoje não existe centro, mas pode haver um milagre que depende de partidos que ainda são conglomerados de planos aleatórios pessoais cujo fator regional, na maioria das vezes, é maior articulação nacional.

As opiniões externadas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade de seus autores. Não são necessariamente opiniões da Fundação Konrad Adenauer.